

A MISSIO DEI COMO FUNDAMENTO PRIMORDIAL NO RESGATE DA IDENTIDADE CULTURAL AFRICANA

Abraão Jorge Epalanga

Mestrando em Missiologia no Seminário Teológico Baptista no Huambo, Angola, África.
ORCID ID - 0000-0002-0773-0845.

A MISSIO DEI COMO FUNDAMENTO PRIMORDIAL NO RESGATE DA IDENTIDADE CULTURAL AFRICANA

Resumo

Atualmente, intensifica em África o movimento que se propõe resgatar a identidade cultural africana. O Cristianismo tem sido apresentado como o maior vilão no processo de domínio e ocidentalização do continente e aos poucos as igrejas cristãs africanas ganham o rótulo de serem as principais impulsionadoras para a concretização deste processo e a maior instituição que permite e facilita a neocolonização. Diante desta realidade, o presente artigo visa esclarecer que historicamente o Cristianismo não foi uma religião alienante para nenhum povo ao redor do mundo, entretanto, alguns homens e mulheres com motivações dúbias, foram usados para subjugar e dominar nacionais por conta de suas escolhas e métodos particulares. Com este artigo pretendemos encontrar possibilidades para um caminho melhor que leve ao resgate da identidade cultural africana a partir da compreensão do conceito da *missio Dei*.

Palavras-Chave: Cristianismo. África. *Missio Dei*. Evangelho. Cultura. Identidade.

Abstract

Nowadays, the movement that proposes to rescue African cultural identity is intensifying in Africa. Christianity has been presented as the greatest villain in the process of domination and westernization of the continent. Gradually, African Christian churches received the label of being the main drivers for the realization of this process and the largest institution that allows and facilitates neo-colonization. In the face of this reality, this article aims to clarify that historically Christianity has not been an alienating religion for anyone around the world; however, some men and women with dubious motivations have been used to subdue and dominate nationals because of their own choices and methods. With this article, we intend to find possibilities for a better path that leads to the rescue of African cultural identity from the understanding of *missio Dei*'s concept.

Keywords: Christianity. Africa. *Missio Dei*. Gospel. Culture. Identity.

Introdução

A proposta deste trabalho de pesquisa é mostrar como a *missio Dei* pode ser um conceito fundamental no resgate da identidade cultural africana. Analisamos, a partir de vários autores, como a evangelização do continente se deu a partir de uma relação de domínio, que sufocou a verdadeira identidade cultural africana. A seguir, apontamos alguns aspectos da cultura do continente, especificamente em Angola e entre os *Ovimbundus*, que estão em harmonia com os ensinamentos das Escrituras e propomos um caminho em que a igreja pode trilhar para influenciar o continente a viver de facto dentro dos propósitos de Deus. Esta mudança de paradigma pode trazer uma compreensão mais clara do Deus revelado na Bíblia Sagrada.

A igreja e o imperialismo europeu

O mundo se tornou uma aldeia global, a partir do avanço da tecnologia, existe naturalmente um nível de entrosamento entre os povos que não existia no passado e com isso se intensifica, sem coerção, a troca de costumes e hábitos, gerando dessa forma a perda ou a substituição de determinados traços que identificam um povo, mas nem sempre isso se deu de forma natural. Em África, especificamente, este processo teve início muito antes da explosão tecnológica atual, existem mudanças políticas e sociais em nossos dias que não permitem minimizar ou ignorar o impacto que o período da expansão colonial trouxe consigo.

O processo de colonização aconteceu numa relação de domínio, ou seja, foi necessário que uma das partes se percebesse superior e ignorasse o outro, inferiorizando-o e forçando-o a adotar um estilo de vida ou comportamentos que não lhe eram característicos. Muitos países em África foram submetidos a esse tipo de relação e conseqüentemente abraçaram a forma “civilizada” de vida que lhes foi apresentada e isso fez desvanecer a manifestação real da identidade cultural africana.

A Dra. Analzira Nascimento traz uma contribuição importante nesta questão mostrando através da história como nações adotaram projetos imperialistas que invisibilizaram e inferiorizaram o outro cada vez mais.

“A maior aviltação cometida nesses “encobrimentos” e desencontros foi o não reconhecimento do outro como sujeito, pois a grande marca do colonialismo e dos atuais neocolonialismos sempre será a concepção do outro como objeto.”[1]

Em Angola, a partir deste tipo de relacionamento, o conceito de civilizado ganhou um significado completamente estranho, pois “civilizados” se tornaram as pessoas que mais se identificavam com os hábitos e costumes europeus. A preocupação estava tanto na aparência física assim como na forma de falar e vestir-se. O espelhamento da forma de vida ocidental produziu anulação e categorização, era preciso definir o status de cada pessoa na nova estrutura forjada pelo colonialismo. Categorias como “civilizado”, “assimilado”, “moderno” e “tradicional” foram então criadas para simplificar, distinguir e hierarquizar.[2]

É preciso comentar que neste processo, a igreja ocidental fez parcerias com o estado e usou o paradigma etnocentrista vigente e os mesmos erros bárbaros, de ignorar o outro enquanto com este se relaciona e os mesmos erros foram cometidos.

“A implantação de igrejas no período colonial entre católicos foi facilitada devido a um tratado entre a igreja e o estado: o Padroado Régio. Este acordo foi delineado especialmente em meados do século 15, a partir das Bulas Papais, que conferiram aos reis católicos o poder de evangelizar os infiéis nas terras descobertas.”[3]

A ação da igreja ocidental em África, com a intensão de evangelizar os povos, transmitiu hábitos e costumes europeus, mostrando, dessa forma, que o pressuposto na crença que a sua cultura e forma de vida era, dentre todas as culturas, a que recebia a aprovação de Deus e por isso valia a pena tornar os outros povos iguais a si.

[1] NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou Colonização**: O risco de fazer missões sem se importar com o outro. 1ª ed. Editora Ultimato, 2015, p. 63.

[2] TRAJANO FILHO, Wilson e DIAS, Juliana Braz. **O colonialismo em África e seus legados**: classificação e poder no ordenamento da vida social. Anuário Antropológico, [S. l.], v. 40, n. 2 | 2015, p. 9-22.

[3] NASCIMENTO, 2015, p. 64.

O Dr. René Padilha de forma extraordinária faz abordagens que contrariam o pensamento etnocentrista da época, segundo ele

“Nenhuma cultura se conforma totalmente ao propósito de Deus; em todas as culturas há elementos negativos, desfavoráveis à compreensão do evangelho. Por esta razão, o evangelho nunca se encarna totalmente em nenhuma cultura em particular. Ele sempre vai além de qualquer cultura, ainda quando esta tenha sido influenciada por ele.”[4]

Eugene A. Nida defende que, para que haja comunicação, se requer que o comunicante estabeleça uma relação efetiva entre a mensagem e o contexto cultural total.[5] A igreja ocidental não conseguiu estabelecer este tipo de comunicação, mas, pelo contrário, distanciou-se e seguiu com a sua agenda imperialista. Isso fez com que a partir da incapacidade de compreensão e pronúncia da língua materna africana os nomes dos nativos fossem alterados, sua forma de vestir, dançar, cantar e até o seu comportamento em cerimônias públicas.

É fundamental dizer que este comportamento não é exclusivo da igreja ocidental do século 16, infelizmente existe na igreja moderna uma extensão do paradigma, pois muitos movimentos religiosos estão em ação missionária hoje tendo as mesmas práticas, ainda que em pequenas doses, e forradas com uma mensagem aparentemente evangelística. Nesta questão a Dra. Analzira Nascimento, citando Todorov argumenta que

“A barbárie não se restringe a alguns períodos da história (...), ela está em nós, e todos nós partilhamos do mesmo instinto. É uma característica do ser humano, e todos nós estamos sujeitos a esse estranhamento com o outro.”[6]

Portanto, é preciso olhar com atenção aos erros do passado e ser intencional no exercício missionário mirando uma mudança paradigmática a partir da *missio Dei*.

[4] PADILLA, René. **Missão integral**. Ensaios sobre o reino e a igreja. São Paulo: Temática, FTL-B, 1992.

[5] NIDA, Eugene. **Message as mission**: The communications of The Christian Faith. Pasadena: William Carey Publishing, 1990.

[6] NASCIMENTO, 2015, p. 62.

O processo de resgate da cultura africana

Um dos documentos da série Lausanne afirma que homens e mulheres precisam de uma existência unificada. Sua participação em uma cultura é um dos fatores que lhes proporciona o sentido de pertencer a algo. A cultura dá sentido de segurança, de identidade, de fazer parte de um todo maior e de partilhar a vida de gerações anteriores e também das expectativas da sociedade com respeito a seu próprio futuro.[7]

Uma vez que a cultura de um povo está intimamente ligada à linguagem e se expressa em provérbios, mitos, contos populares e diversas formas de arte, o processo de resgate da cultura africana busca trazer de volta nas celebrações públicas, a dança africana, a música e a comunicação nas línguas maternas africanas. Mas o teólogo ganês Kwame Bedyako, em seu artigo intitulado “*As escrituras como intérpretes da cultura e da tradição*”, destaca que

“A cultura não consiste apenas em música, dança, artefatos e outros elementos do gênero. Nossa cultura é nossa cosmovisão, ou seja, o fundamental para a compreensão de quem somos; de onde viemos e para onde estamos indo. Dentro de nós e ao nosso redor, ela é o que nos define e molda.”[8]

A partir da afirmação de Bedyako, entende-se que o processo de resgate da cultura africana precisa olhar com mais profundidade, isto é, não se fixar apenas nos aspectos externos como dança, música, etc, mas analisar os aspectos profundos da cosmovisão africana, e quando esse exercício é feito, percebe-se claramente que existe na cultura africana elementos que nos levam a Deus. O Dr. René Padilla afirma que

[7] Comissão de Lausanne para a Evangelização Mundial. **O Evangelho e a Cultura**: a contextualização da palavra de Deus. São Paulo: ABU, 2007.

[8] BEDYAKO, Kwame. **As escrituras como intérpretes da cultura e da tradição** In ADEYEMO, Tokunboh. Comentário Bíblico Africano. 1ª ed. São Paulo. Editora Mundo Cristão, 2010, p. 55.

“...cada cultura também possui elementos positivos favoráveis à compreensão do evangelho. Com isso não quero dizer que os temas centrais da teologia se derivam da cultura, nem que esta determine a reflexão teológica de maneira absoluta. Minha tese é, antes, que cada cultura torna possível um enfoque do evangelho que traz à luz certas arestas que em outras culturas podem ter parecido menos visíveis ou mesmo ocultas. Visto nesta perspectiva, as diferenças culturais que tanto obstaculizam as comunicações interculturais tornam-se numa vantagem para a compreensão da multiforme sabedoria de Deus: Servem como canais de expressão de aspetos da verdade do evangelho que a teologia presa a uma cultura pode ter permanecido menos visíveis ou mesmo ocultas”[9]

Com base nos argumentos citados, podemos afirmar que o cristianismo não é estranho aos africanos, pois como veremos com detalhes mais abaixo, existem em nossa cosmovisão elementos positivos e favoráveis a compreensão do evangelho e a *missio Dei* poder ser o fundamento primordial para resgatar de facto a identidade cultural africana. Podemos também afirmar que o cristianismo não é inimigo do desenvolvimento do continente, pois se compreendida e aplicada a mensagem contida em todo o ministério de Jesus, um maior avanço político, econômico e social se registrará.

O conceito de *Missio Dei*

Timothy Keller, citando Lesslie Newbigin, afirma que a expressão *Missio Dei* tornou-se famosa depois da conferência missionária mundial em Willingen, Alemanha, em 1952, e foi uma forma de expressar a ideia de que “Deus está ativo no mundo, trabalhando para redimir toda a criação”.

[10] Michael Goheen acrescenta dizendo que a missão de Deus é também recuperar a criação e a vida da humanidade da devastação causada pelo pecado.[11] Quando falamos sobre a missão de Deus no mundo, temos que responder porque Deus está em missão, do que Deus está a resgatar a humanidade e de qual devastação os autores acima se referem?

[9] PADILLA, 1992, p. 98.

[10] KELLER, Timothy. **Igreja Centrada**: Desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 297.

[11] GOHEEN, Michael. **A igreja missional na Bíblia**: luz para as nações. São Paulo. Editora Vida Nova, 2014.

É preciso antes de tudo perceber que Deus criou um universo belo e organizado, todas as coisas existiam em harmonia e o mundo como conhecemos não existia, mas em Gênesis 3 temos o relato do pecado e suas consequências. Timothy Keller resume as consequências do pecado da raça humana em quatro dimensões, todas dadas a partir da separação do ser humano com Deus:

"1 - Por estarmos separados de Deus, estamos psicologicamente separados de nós mesmos – sentimos vergonha e medo (Gn 3.10).

2 - Por estarmos separados de Deus, também estamos socialmente separados uns dos outros (o v. 7 relata como Adão e Eva tiveram de se vestir, e o v. 16 fala do afastamento do homem em relação à mulher; veja também, nos v. 11-13, a transferência de culpa no diálogo deles com Deus).

3 - Por estarmos separados de Deus, também estamos fisicamente separados da própria natureza. Agora experimentamos sofrimento, trabalho árduo, degeneração física e morte (v. 16-19). Na verdade, a própria terra é amaldiçoada (v. 17; veja Rm 8.18-25)."[12]

A partir do resumo de Timothy Keller sobre o impacto do pecado, percebe-se claramente porque Deus está em ação no mundo, que está desajustado, e a humanidade e todo o resto da criação precisam de um salvador. Michael Goheen coloca Jesus como expressão máxima da missão de Deus, afirmando que

“O Reino de Deus é antes de tudo o poder de Deus em ação no Messias e por meio do Espírito para restaurar toda a criação e toda a vida humana da contaminação do pecado e de seus efeitos devastadores. Em suas palavras e ações, Jesus revela que toda a história está rumando para essa restauração.”[13]

É interessante perceber o quanto Deus está preocupado com a sua criação, não poupou esforços para ver todas as coisas restauradas, Goheen prossegue:

"A morte e ressurreição de Jesus constituem o ponto decisivo de toda a história. Sua morte põe fim a um mundo permeado pelo pecado. Sua ressurreição e seu dom do Espírito inauguram um novo mundo.”[14]

[12] KELLER, 2014, p. 35-36.

[13] GOHEEN, 2014, p.38.

[14] Ibid., p. 39.

Os Ovimbundus

Dentro do continente Africano encontramos predominantemente os povos *Bantus*, e cada um com as suas particularidades. Portanto, para uma reflexão mais detalhada nos concentraremos no povo *Ovimbundu*, que vive em sua maioria na região sul e centro de Angola.

Os Ovimbundus e sua ontologia - *ntu*

Um elemento central na filosofia *Bantu*, que alcança todos os povos do continente Africano, é a noção da força como um atributo necessário ao ser. O ser é a força, sem o elemento da força o ser não pode ser concebido. Nesse sentido, para o *bantu*, o universo está composto de energias e a energia divina está presente em todas as partes da criação, de modo que os homens, as criaturas viventes e até os fenômenos naturais, estão nela penetrados e acham-se por isso, em comunhão.

O *Bantu* entende que quem está enfermo não tem forças, quem é inteligente possui maior concentração de força no cérebro e quem tem coragem possui maior concentração de forças no coração. O mundo todo dentro da filosofia Africana não é uma entidade estável, fixa no ser, mas dinâmica e em perpétuo crescimento, participando deste crescimento todos os seres, inclusive o homem.

Deus e os Ovimbundus

Deus, na compreensão *Bantu*, é o gerador de toda a força, é aquele que delineou, atuou e impulsionou a interação do universo, desencadeando a origem dos seres, o “*ntu*”. Nas palavras de Altuna:

“Ao formularem as categorias dos seres existentes, eles raciocinaram por exclusão. O pré-existente não encontra lugar na lista. Não é “Muntu”, homem; nem “Kintu”, coisa; nem “Huntu”, localidade; nem com muita razão “Kuntu”, modo de ser excluído dessas categorias, afirmam que Deus não é nem uma “essência” nem um existente “realizável”. Em consequência, Ele é o “Todo-Outro” com relação aos que começaram a existir, é necessariamente existente.”[15]

Na cultura tradicional africana, “Deus é totalmente outro”, como afirma Karl Barth[16], existe a noção de transcendência. Deus não é igual a qualquer ser existente na esfera humana, mas torna-se parte da sua Criação a agir em todas as coisas existentes. O criador da força faz com que esta se mova em todas as direções para a manutenção do universo. Não é um Deus distante, pelo contrário, age e se move para o bem das suas criaturas.

“Assim diz Deus, o Senhor, que criou os céus e os desenrolou, e estendeu a terra e o que dela procede; que dá a respiração ao povo que nela está, e o espírito aos que andam nela.” Isaías 42.5

Deus na compreensão *Bantu*, não é diferente do Deus revelado nas Escrituras, que criou os céus e a terra, que dá respiração ao povo que nela está. Os africanos têm o privilégio de ter essa compreensão enraizada em sua própria cultura. Perceber isso coloca um holofote maior sobre a questão “Deus” e sobre a criação de todas as coisas. Diferentemente como são tidos pelos ocidentais, os *Bantus* acreditam em um único Deus. A crença em Deus, único e pessoal, é unânime, com variedade de nomes e matrizes em seus atributos e soberania. É bom saber que o relato da criação, no livro de Gênesis, encontra respaldo no coração dos africanos. O Deus que se revela nas Escrituras com poder criador e sustentador está presente na matriz do pensamento religioso africano e isso nos faz perceber que apesar do continente africano ter sido cristianizado, Deus imprimiu nos corações de todos os povos ao redor do mundo quem Ele de facto é.

[15] ALTUNA, Raul Ruiz de Asúa. **Cultura Tradicional Bantu**. 2ª ed. Luanda. Edição do Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, 1993.

[16] Cf. GEISLER, Norman L. FEINBERG, Paul D. **Introdução à Filosofia** – uma perspectiva cristã. São Paulo: Vida Nova, 1989. p. 203.

Força e mediação

Na religião tradicional africana, os homens em vida não têm acesso direto a Deus por este ser de outra natureza e habitar em um lugar inacessível. Mas existe o que é conhecido como a “ponte da ancestralidade” ou de “pirâmide vital”. Os africanos têm os antepassados como mediadores da sua relação com Deus, mas não significa que qualquer antepassado pode fazer a mediação.

Para o africano, quem tem a capacidade de mediar a relação entre Deus e os vivos são aqueles que em vida tiveram a maior concentração de forças em seu interior, manifestada em coragem para lidar com os adversários, em capacidade de reprodução de filhos para abençoar a comunidade e trazer crescimento demográfico ou em habilidade de produção, para causar transformação e desenvolvimento.

As orações, oferendas e sacrifícios são dirigidas a estes “mediadores” para que haja um elo de ligação entre os dois planos existenciais, de forma que, sendo os antepassados cultuados, estarão sempre sendo lembrados e reverenciados. Assim serão evitadas tristezas por parte dos mesmos que passarão a livrar seus consanguíneos de doenças, depressões, dos prejuízos na lavoura, na falta de alimentos com a escassez da caça e da morte.

O Novo Testamento apresenta Jesus como aquele que faz a intermediação entre os homens e Deus. Jesus viveu entre nós e deteve todo o poder, curava enfermidades, ressuscitou os mortos, acalmou a tempestade e expulsou demônios. Jesus tinha dentro de si toda a força do Universo e isso faz com que ele seja capaz de construir o canal de comunicação entre Deus e os homens.

"Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem." I Timóteo 2.5

"Portanto, ele é capaz de salvar definitivamente aqueles que, por meio dele, se aproximam de Deus, pois vive sempre para interceder por eles." Hebreus 7:25

"Por essa razão, Cristo é o mediador de uma nova aliança para que os que são chamados recebam a promessa da herança eterna, visto que ele morreu como resgate pelas transgressões cometidas sob a primeira aliança." Hebreus 9:15

O perigo de ignorar o conceito da *missio Dei* no resgate da identidade cultural africana

Conforme vimos anteriormente, Deus imprimiu no coração de todos os africanos a sua história e pequenos lampejos de como as coisas irão terminar. Portanto, a igreja no continente africano é convocada a aliar-se a Deus nessa grande missão de restaurar todas as coisas para a glória de Deus. O resgate da identidade cultural africana não pode ser efetivado a partir de um sentimento de vitimização.

Reconheço a necessidade de reparo histórico em algumas áreas, mas o sentimento de vitimização apenas produzirá a velha tensão do "nós contra eles" e isso não produzirá a harmonia entre os povos que existia antes da chegada do pecado.

O restauro da criação de Deus implica em novos tipos de relacionamentos, uma construção social diferente da que conhecemos. A vitimização impulsionará a repetição dos erros do passado e com isso não se constrói uma sociedade saudável.

Como seria a África influenciada pela *missio Dei*?

Michael Goheen aponta algumas características que a igreja missional, ou seja, a igreja que entendeu a *missio Dei* e decidiu aliar-se a Deus nessa grande missão possui, e, para tanto, citarei algumas destas características que são de extrema importância para a construção social, econômica e política do continente e que a igreja em África deveria adotar para influenciar toda a vida no continente:

- "1 - Uma igreja profundamente envolvida nas necessidades de sua vizinhança e do mundo;
- 2 - Uma igreja que compreende o seu contexto cultural;
- 3 - Uma igreja empenhada em viver como uma comunidade de contraste;
 - a. Uma comunidade de contraste deve ser uma comunidade de justiça em um mundo de injustiça econômica e ecológica;
 - b. Uma comunidade de contraste deve ser uma comunidade de generosidade e simplicidade ("isso é suficiente") em um mundo consumista;
 - c. Uma sociedade de contraste deve ser uma comunidade de pessoas que contribuem financeiramente de modo generoso em um mundo egoísta que busca os seus próprios direitos mais do que os dos outros;
 - d. Uma comunidade de contraste deve ser uma comunidade que testemunha humilde e ousadamente da verdade em um mundo de incertezas;
 - e. Uma comunidade de contraste deve ser uma comunidade de esperança em um mundo desiludido e saturado pelo consumo;
 - f. Uma comunidade de contraste deve ser uma comunidade de alegria e gratidão em um mundo hedonista que busca freneticamente o prazer;
 - g. Uma comunidade de contraste deve ser uma comunidade que experimenta a presença de Deus em um mundo secular;
- 4 - Uma igreja dedicada à oração em comunidade."^[17]

Considerações finais

É fácil perceber que Deus está interessado em se revelar em todas as culturas e para todos os povos ao redor do mundo. Ele se mostra para construir um relacionamento com as suas criaturas e não importa o lugar onde essas pessoas nasceram ou vivem. O continente africano deve fazer o caminho de recuperação da sua cultura, entretanto, não com a motivação de livrar-se das influências ocidentais, mas a partir de uma reflexão nos ensinamentos da Bíblia e compreensão da *missio Dei*. Encontrar em sua própria cultura a maneira como Deus se revelou e como Ele quer que vivam, para manifestarem a imagem e a semelhança de Deus que se deteriorou no jardim do Éden devido ao pecado de Adão e Eva.

[17] GOHEEN, 2014.

Referências

ADEYEMO, Tokunboh. **Comentário Bíblico Africano**. 1ª ed. São Paulo. Editora Mundo Cristão, 2010.

ALTUNA, Raul Ruiz de Asúa. **Cultura Tradicional Bantu**. 2ª ed. Luanda. Edição do Secretariado Arquidiocesano de Pastora, 1993.

Comissão de Lausanne para a Evangelização Mundial. **O Evangelho e a Cultura: a contextualização da palavra de Deus**. São Paulo: ABU, 2007.

GEISLER, Norman L. FEINBERG, Paul D. **Introdução à Filosofia** – uma perspectiva cristã. São Paulo: Vida Nova, 1989.

GOHEEN, Michael. **A Igreja missional na Bíblia: luz para as nações**. São Paulo. Editora Vida Nova, 2014.

O'DONOVAN JR., Wilbur. **O Cristianismo Bíblico da Perspectiva Africana**. 1ª ed. São Paulo. Editora Vida Nova, 1999.

PADILLA, René C. **Missão integral**. Ensaios sobre o reino e a igreja. São Paulo: Temática, FTL-B, 1992.

NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou Colonização?** O risco de fazer missões sem se importar com o outro. 1ª ed. Editora Ultimato, 2015.

NIDA, Eugene. **Message as mission:** The communications of The Christian Faith. Pasadena: William Carey Publishing, 1990.

KELLER, Timothy. **Igreja Centrada:** Desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. São Paulo. Editora Vida Nova, 2014.

TRAJANO FILHO, Wilson e DIAS, Juliana Braz. O colonialismo em África e seus legados: classificação e poder no ordenamento da vida social, **Anuário Antropológico**, v.40 n.2 | 2015, 9-22.

Texto recebido em 05.01.2023 e aprovado em 25.01.2023